

GOLPES, DEMOCRACIA E POLÍTICA: PARA ALÉM DO SENSO COMUM

ENTREVISTA COM O Dr. Mateus Gamba Torres^{1,2}

Professor Adjunto nível IV da Universidade de Brasília (UNB) com lotação no Departamento de História da Universidade de Brasília - (UNB). Bacharel em direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Bacharel e Licenciado em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Possui curso de formação realizado pela Escola da Magistratura do Estado de Santa Catarina (ESMESC). Mestre em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (PPGHIS-UNB). Atua como Coordenador de Extensão do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília (ICH-UNB). Desenvolve pesquisas referentes a História do Brasil, principalmente na abordagem da ditadura militar brasileira (1964-1985), trabalhando com uma história do judiciário civil e militar no período, utilizando como fontes principais processos judiciais.

1 O CONSERVADORISMO E ULTRADIREITA NO BRASIL

Anne: Professor Mateus Gamba, o senhor tem sido um intelectual essencial para compreendermos o fenômeno de (des)construção política que estamos experimentando. Como alguém que tem voltado o olhar para as questões que envolveram a ditadura militar brasileira, qual olhar tem lançado para o movimento político desde o golpe sofrido pela presidenta Dilma Rousseff em 2016?

Mateus:

Primeiramente muito obrigado pelos elogios. Acredito que como professor de história, pesquisador e extensionista sinto que é meu dever tentar compreender a sociedade brasileira atual e ajudar as pessoas a entenderem o que se passa politicamente no Brasil. Acredito que o estudo da história da ditadura civil-militar brasileira é fundamental para que possamos verificar os resquícios autoritários ainda

¹ Entrevista realizada por Anne Caroline Fernandes Alves (UNIALFA), mestre em História, professora e pesquisadora, líder do grupo de pesquisa em História do Direito das Mulheres e de Gênero (GEHDIMG/UNIALFA), com colaboração dos professores e pesquisadores Thiago Henrique Costa Silva (UEG), doutor no setor de desenvolvimento rural e Marcos Marinho Martins de Queiroz (PUC-GO), mestre em Comunicação.

² Os organizadores do Dossiê “Direitos e Decolonialidade: conflitos, minorias e (re)existências”, em nome da revista *Emblemas* agradece ao professor Mateus Gamba Torres (UNB) por compartilhar os seus conhecimentos e sua pesquisa de forma tão generosa.

existentes no Brasil, assim como perceber quais ideologias políticas estão presentes nessa sociedade. Nas décadas de 1990 e 2000, especialmente no debate público e acadêmico não parecia necessário explicar os males que a ditadura brasileira trouxe ao país. Não posso ser ingênuo de achar que nessas décadas muitas pessoas em suas conversas diárias com seus amigos e familiares não consideravam que em muitos aspectos o regime repressivo foi um período de “desenvolvimento”, “modernização”, “ordem”, que predominava a “moral e os bons costumes” e que não havia corrupção como nos governos democráticos. Todavia, como mencionei, no debate público e acadêmico esse tipo de opinião era veementemente rejeitado e por um tempo nem ao menos se tornava um tópico a ser debatido, visto que todos lembravam bem o descabro político e econômico dos governos militares, que geraram problemas (a dívida externa era um dos maiores) que na década de 1980 geraram miséria, fome, além da inflação galopante. Todavia em 2002 um dos grandes líderes de resistência a ditadura ganha a eleição. Luís Inácio Lula da Silva começa a aplicar medidas econômicas e sociais para melhorar a situação da parte mais empobrecida da população. Tais medidas não agradam o que chamamos de classe média e explico o porquê. O Brasil é um país extremamente desigual e racista, e que a ditadura fez com que essas características se exacerbassem. No governo autoritário uma parte da população, em geral pessoas brancas e com condições econômicas que podemos chamar de confortáveis tiveram oportunidades de melhorarem suas condições financeiras e de carreira, se distanciando cada vez mais da

parte mais pobre da população, com seus fuscas zero, e suas casas financiadas pelo Banco Nacional de Habitação – BNH. Soma-se a isso a expansão do ensino público superior de uma forma elitizada com incentivo a cursos na área tecnológica normalmente em período integral. Existiam exceções, claro, mas normalmente essa classe média e média alta acabava ocupando as vagas que mesmo com a expansão do ensino superior eram cada vez mais disputadas deixando os estudantes de escola pública cada vez mais distantes do sonho universitário. Essa classe média ocupou em boa parte dos casos os cargos públicos criados pelo governo em várias de suas estatais, ou em grandes empresas nacionais ou multinacionais que recebiam grande apoio financeiro do governo militar (empréstimos, financiamentos, isenções fiscais, assunção de dívidas, etc). Enfim essa é a classe que eu chamo de saudosista do regime, além das forças armadas, polícias e capitalistas bem sucedidos. Pois bem, nos governos Lula e Dilma boa parte da população empobrecida tem uma melhora de sua condição de vida e começa a fazer parte de espaços que antes lhes eram negados. Programas sociais que cuidavam da saúde e garantiam as pessoas acesso ao estudo, tanto no ensino básico, quanto no superior eram os principais responsáveis pela mudança. Pessoas com trabalhos que para essa classe média deveriam ser necessariamente mal remunerados, começam a consumir os mesmos produtos industrializados que antes eram exclusivos para determinada parte da população, graças ao aumento real do salário mínimo. O desemprego diminui a patamares quase nunca antes vistos, fazendo com que as pessoas não aceitem mais

trabalhar por um salário miserável. O pensamento da classe média sempre foi contra “bolsa-família” chamado pejorativamente de “bolsa-esmola”. Afirmavam ainda que o governo estava criando “vagabundos” que não iriam mais trabalhar e estariam vivendo do imposto de quem trabalha. Esse discurso era rebatido por índices sociais positivos, uma economia em crescimento, a fome e a miséria praticamente extintas. Tais índices geravam um verdadeiro ódio de classe. Nesse sentido refletimos: que tempo que a classe média via como dourado? O tempo da ditadura! Não havia pobre no aeroporto, pobres e negros sabiam “o seu lugar”, o tempo em que o mérito (hierarquia militar) era respeitado, diferente de políticas de cotas e bolsas que “não ensinavam a pescar”. Tempo em que eles ganhavam algum dinheiro e os pobres se mantinham longe, em relação ao consumo (o discurso era que qualquer “miserável” tem carro) ou mesmo do ponto de vista espacial (o aeroporto virou uma rodoviária). Essas classes tinham e tem verdadeiro asco dessa população obteve uma melhora em suas condições de vida. Foram, em grande parte, essas pessoas que partiram para as ruas para pedir o golpe contra Dilma Rousseff em 2015/2016. Essas ideias e insatisfações acabam por se encontrar nas novas mídias, e coisas que antes as pessoas teriam vergonha de dizer em público (na ditadura era melhor, racismo não existe, ninguém respeita mais a moral e os bons costumes) agora acham um local para inclusive se unirem em grupos e sentirem orgulho dessas ideias. Com o desgaste natural de um governo que está há 13 anos no poder e a crise econômica mundial que chega ao Brasil em 2013/2014, esse grupo articula ideias das mais

conservadoras, fascistas mesmo, se contrapondo ao estado de bem estar social (liberais), trazendo revisionismo e negacionismos mentirosos sobre o período ditatorial, usando a pauta de costumes (ódio as feministas e a movimentos de direitos LGBTQIA+) como argumento para crise e conseguem estabelecer um discurso (que hoje chamamos bolsonarista) de um estado mínimo na economia mas conservador nos costumes. Um discurso que coloca a culpa da crise de 2013-2014, num estado considerado inchado e na falta de “moral cristã” das pessoas, num mundo de desordem e caos que só pode ser resolvido com o fim de “esmolas” e das pessoas que não se adaptam aos valores da “família tradicional brasileira”. O golpe de 2016 já é um resultado desse discurso, e no caso da economia, incluo a grande mídia. O que agrava mais ainda a situação, é a verificação de que a direita neoliberal chamada de centro-direita (MDB, PSDB, DEM, etc) não resolveu nenhum dos problemas econômicos: desemprego, inflação, nem “morais” (LGBTs continuavam casando, e as mulheres continuavam a se contrapor ao machismo). Fora isso foi um governo extremamente corrupto, tanto que Temer termina seu governo com a maior rejeição da história. As pessoas que foram as ruas pedir o impeachment de Dilma e a volta dos “tucanos” em 2018 tentam se reencontrar, e é nessa extrema direita fascista que eles irão depositar suas esperanças no fim de suas “mazelas”. Tanto isso é verdade que se percebe após o governo temer o pífio desempenho dos partidos de centro-direita nas eleições, perdendo seus votos especialmente para a extrema direita. Lembrem Geraldo Alckmin não teve nem ao menos 5% de

votos, o pior desempenho de um candidato do PSDB na história da redemocratização, enquanto Bolsonaro num partido de aluguel com um discurso de extrema-direita foi eleito. Para mim, esses fatores levaram a tais movimentos de ultradireita. Mas claro, isso é um resumo. Falei pouco da crise econômica, da questão religiosa e das classes realmente ricas da população que compartilhavam, acredito que com mais veemência o discurso contra os benefícios e programas sociais.

Anne: O senhor acredita que as mudanças que temos visto no cenário político brasileiro desde 2016, esse avanço direitista no Brasil, seja um fenômeno ou uma construção histórica da formação política do povo Brasileiro? Quais são os grupos e os interesses que permeiam essa ultradireita brasileira?

Mateus:

Com relação a primeira pergunta, acredito que as mudanças no cenário político podem ser vistas tanto como um fenômeno quanto por um ponto de vista histórico. Historicamente, se eu fosse fazer uma classificação geral do que eu chamo de cultura política brasileira eu a chamaria de conservadora. Os movimentos políticos de resistência no Brasil sempre existiram, todavia, foram na maior parte das vezes, duramente reprimidos, pelo Estado, seja esse Português ou Brasileiro. Esses movimentos se colocariam contra uma hierarquia social estabelecida “naturalmente”, e qualquer forma de mudança que beneficiasse as classes mais

empobrecidas seria vista como a quebra da ordem estabelecida. A doutrina imposta pelo colonizador (não sem resistências, bem entendido) é a cristã, e percebemos que muitas de suas características ainda permeiam a forma de agir e pensar de boa parte da população. Exemplos: hierarquização social, obediência a um soberano ou a um chefe, sofrimento como parte da vida para a conquista de um paraíso após a morte, conservadorismo nos costumes, ordem estabelecida por Deus na bíblia sob pena de castigos, família heteronormativa, punibilidade aos pecadores. O que eu percebo é que não somente as pessoas aceitam essas imposições, mas também concordam com elas. No século XX o inimigo maior do Brasil não eram as mazelas sociais, mas sim o comunismo, visto como um movimento estrangeiro (como se o capitalismo tivesse nascido no Brasil) contrário as tradições de Deus, Pátria e Família (o comunismo seria necessariamente ateu, a pátria seria conspurcada por uma nação estrangeira, visto que esse sistema não é nacional, e na URSS, por exemplo, o divórcio e o aborto foram legalizados). Esse tipo de doutrina foi escolhida como o grande inimigo da nação, pela igreja, pelos nacionalistas e pelos liberais, e a doutrina anticomunista foi utilizada para medidas autoritárias, tanto em 1937, quanto em 1964. A pregação anticomunista falava em uma hierarquia social e familiar que acabaria, gerando desordem e caos, visto que padrões e empregados estariam no mesmo nível social, e as mulheres e homens estariam num mesmo nível hierárquico de poder na família. Sendo assim, acredito que mesmo para uma pessoa do século XXI, esses valores sociais tocam

fundo, as vezes em algo adormecido em suas mentes, mas que fazem sentido quando feitos num discurso bem articulado. Afirmar que cultura política brasileira é também autoritária, racista e misógina, parece grave. Todavia a eleição de um presidente com essas características e que nunca as escondeu, faz parte de um processo histórico, e a eleição desse cidadão mostra que o discurso de ordem conservadora ainda faz parte da leitura política das pessoas na sociedade em que vivem. Pode ser visto como fenômeno. Vejo a história como uns espiral, sendo que de tempos em tempos passamos por fenômenos semelhantes a de outras épocas. Como mencionei na primeira questão, o assunto ditadura militar e seus males eram pouco debatidos nas décadas de 1990 e 2000. Muito se queria passar uma borracha no período encobrendo os crimes do Estado. Todavia com a militância dos atingidos ou dos familiares destes os crimes começaram a aparecer e o Estado Brasileiro foi obrigado a colocar o debate do reconhecimento dos crimes como pauta. Nesse sentido as indenizações financeiras para as vítimas começaram a ser feitas, e a abertura de um estudo sobre a ditadura que aponta os erros cometidos entra na pauta com as comissões estatais (de mortos e desaparecidos, da anistia e da verdade). Ao mesmo tempo as comissões eram consideradas revanchismos de governos de esquerda. Nesse momento a crítica pública cai sobre esses governos (considerados corruptos e gastadores) e o discurso de direita liberal, conservador e autoritário vai se contrapor a eles (bem estar social, liberdades públicas e eleitos na democracia). O fenômeno não é somente nacional, vemos diversos países no

mundo aderindo a extrema direita (Polônia, Turquia, Hungria, EUA na época de Trump). Com a crise de 2008 a responsabilidade recaiu aos benefícios sociais e claro, aos refugiados e imigrantes, nesses países, discurso inventado pela extrema direita para achar um bode expiatório. No Brasil, o próprio governo de esquerda foi considerado responsável, pois não saberia administrar e estaria inchando o estado, causando problemas orçamentários. Nesse sentido o movimento pode ser considerado um fenômeno. Com relação aos grupos de interesses, eu coloco grandes empresários, industriais, banqueiros que investem pesado em discursos liberais. Com relação aos costumes as igrejas neopentecostais angariam pessoas através do discurso conservador e da sensação de se encontrarem em um grupo de pessoas com interesses comuns, numa época de crise econômica e para eles moral. A força eleitoral é tão grande que já possui no congresso a “bancada da bíblia” que luta contra qualquer avanço relativo aos direitos das mulheres e população LGBTQIA+. A famosa bancada da bala, relacionada as indústrias de armamentos, que tanto servem para que o “cidadão de bem” se defenda dos “bandidos”, quanto para impedir movimentos sociais “invadam” ou “ameacem” suas propriedades. Percebo isso como mais uma faceta do governo da morte, onde ao invés do estado ser responsável pela segurança pública ela é delegada aos cidadãos que tem poder aquisitivo para ter uma arma e se imporem contra parte da população através do poder de fogo. Essas indústrias já lucram nesse governo, mas se não fosse o STF e outros mecanismos democráticos o armamento da

população já estaria liberado, aumento o lucro das empresas e as mortes na população civil. E a terceiro é a bancada do boi, que não inclui somente a pecuária, mas sim todo o agronegócio. Esses se colocam contra qualquer medida de proteção ao meio ambiente, pois ela “atrapalharia o progresso” visto que “agro é tech” e “agro é pop”, rsss. Para esse grupo a abertura de mais frentes agropecuárias deve ser prioridade com a degradação do meio ambiente como consequência e necessidade, sugando todos os recursos naturais existentes em nome do lucro. Todos esses grupos dão suporte ao governo Bolsonaro nos dias atuais.

Anne: Em entrevista ao jornal EL PAÍS, Fernando Haddad, após a derrota para o presidente Bolsonaro, nas eleições de 2018, afirmou que faltou à esquerda entender e dialogar com o eleitor evangélico. Você concorda?

Mateus:

Sim. Temos que entender que normalmente essas igrejas são compostas por pessoas humildes que lutam diuturnamente para sobreviver. A religião é um bálsamo que acalenta suas dores. E para essas pessoas as igrejas são grandes redes de sociabilidade, tanto para pedirem ajuda quando precisam quanto para ajudarem seus “irmãos” quando necessário. Claro, os ricos pastores utilizam da fé da população para lucrar, pedindo senha para o cartão pois “depois vai pedir o milagre para Deus, deus não vai dar e vai dizer que Deus é ruim”. Onde eu estudei direito isso se chama

crime de estelionato. Fora as diversas acusações de crimes de lavagem de dinheiro. Todavia quando a população tem a sua condição de vida melhorada com alguma ajuda dessa comunidade, ela fica eternamente grata. Lembremos também que a educação brasileira não forma cidadãos, e debate muito pouco política em sala de aula. Boa parte dessa população vai se informar na igreja. Onde para ele será colocada especialmente a pauta ultraconservadora de costumes, no qual, como já mencionei, os brasileiros se identificam, além da questão da gratidão ao pastor e aos “irmãos” percebendo esses discursos como puros e divinos, pois feitos por uma autoridade religiosa e amigos. Os pastores em geral trabalham justamente com questões profundas da religiosidade brasileira: punição aos pecadores, homoafetividade como abominação e liberação da mulher como algo hierarquicamente errado, já que o homem é o “chefe” da família. Nesse sentido a esquerda tende a se afastar, pois no círculo social em que vivem isso é algo que nem se discute mais. Pois aí é a questão. Talvez essas questões sejam mesmo de somenos importância para quem já superou esse debate há anos, mas para aquela população, e arrisco a afirmar, para a maioria da população brasileira é uma questão extremamente delicada e relevante. A esquerda tem que entender que esse diálogo de costumes deve ser feito sim. As pessoas não votam apenas por benefícios socioeconômicos, para mim elas votam quando o discurso do candidato está adequado ao que ela pensa. Não podemos desprezar o papel da religiosidade nas eleições.

Anne: Tem havido um claro avanço do movimento conservador na política brasileira, não só com o aumento da bancada evangélica, mas também com a chamada bancada da bala, bancada ruralista e a ascensão dos militares a espaços de poder tipicamente civis. Tal fenômeno teria correlação com o esvaziamento do debate público, como por exemplo com a extinção de Conselhos como o CONSEA, a perseguição de movimentos sociais e o desmanche das organizações sindicais?

Mateus:

Acredito que nessa “onda conservadora” que estamos vivendo, existe a volta de um discurso de que os militares seriam “os mais nacionalistas”, “os mais honestos”, os únicos que “dariam a vida pela pátria”. Vejo nisso uma invenção ideológica para a tomada do poder. Mas esse discurso, que tinha ficado praticamente aniquilado nos anos 1990 e 2000 devido as péssimas administrações militares, além da corrupção e dos conchavos que hoje são devidamente estudados, mas que há época já eram percebidos pela população, volta quando existe uma crise econômica ou de representatividade, em que as pessoas voltam a questionar a democracia como regime e os parlamentares como seus representantes. E daí volta o discurso do militar, “honesto”, “nacionalista” e que não pensa em política mas “no bem do Brasil”. Isso tudo é criação argumentativa que se aproveitou de uma política de memória pouco efetiva (acredito que devido inclusive a pressão dos próprios militares) sobre o período ditatorial, deixando espaço para discursos

saudosistas. Acredito que o crescimento dessas bancadas tem muito de dinheiro investido nas campanhas eleitorais por esses setores, que coadunam o discurso de preservação da família que estariam sendo destruída por gays, lésbicas, feministas etc. (igrejas), que o cidadão deva andar armado para se defender dos bandidos (bala) e de que indígenas e quilombolas ocupam terras e não trabalham nelas, e que a questão ambiental é bobagem num país que precisa produzir e se desenvolver economicamente (agronegócio). Esse governo e esses grupo irão querer conselhos estatais da sociedade civil para questiona-los? Evidente que não! Então o movimento de esvaziamento dos conselhos é ideológico (quando se acha que a representação social deve ser feita apenas pelo presidente e quando muito pelo congresso nacional) e econômico (tais bancadas são financiadas por empresários com os interesses financeiros acima mencionados e não irão querer nenhum conselho do meio ambiente para incomodá-los). Esses setores exigem a perseguição de movimentos sociais (ambientalistas, direitos humanos, indígenas, negro, LGBTQIA+) e isso resulta no fato de que o Brasil onde é o país onde mais ocorrem assassinatos de defensores direitos humanos e ambientalistas. O enfraquecimento dos sindicatos vem desde a reforma trabalhista implantada por Temer, e continuou com o fim do ministério do trabalho no governo Bolsonaro (que agora voltou por questões que nada tem a ver com o trabalhador). O desemprego proposital estabelecido pelo governo e suas políticas liberais também se torna um fator de desmobilização do movimento sindical.

Anne: Pensando outros momentos históricos onde a extrema-direita assumiu os espaços de Poder, como no caso do Nazismo e Fascismo nos períodos pós/entre-guerras, se valendo da desesperança e ressentimento do povo, é possível traçar algum paralelo com o momento histórico atual, em nível mundial, onde líderes de extrema-direita novamente ascenderam ao Poder? Qual seria a principal “guerra” da atualidade que deixou tantos desesperançosos ávidos por um novo messias?

Mateus:

A crise do capitalismo em 2008 mostrou o quanto as economias estavam frágeis e interligadas no mundo. Ela gerou um desemprego monstro em países como Itália, Portugal, Espanha e Grécia, além dos Estados Unidos da América. Nesses momentos há um pânico generalizado, claro, e também uma tentativa de explicar porque essas coisas estavam acontecendo. Nesses momentos normalmente o Estado entra em ação para tentar recuperar os frangalhos da economia. O melhor exemplo é o próprio presidente dos EUA, que aplica um plano de investimentos estatal em que vai aplicar mais de 1 trilhão de dólares na economia. Todavia é nesses momentos que entram movimentos de extrema direita. Eles precisam escolher o inimigo, ou seja, a pessoa ou grupo que gerou a crise. Em muitos países europeus os considerados “responsáveis” foram os refugiados ou imigrantes que entram no país e “roubam empregos” e querem “se aproveitar do sistema de bem-estar social europeu pago com os “impostos pagos pelos europeus

trabalhadores”. Nesse sentido o racismo fala muito alto, em palavras que convencem que o país está passando por dificuldades por causa exclusivamente dessas pessoas. Isso é a cultura do ódio. Trump por exemplo falou dos muros contra a entrada de mexicanos, de que o vírus da covid era invenção chinesa para desestabilizar as economias mundiais, fala em liberalismo, mas protege as indústrias e empresas estadunidenses dos produtos chineses. Nesses momentos de crise, pessoas como Trump são eleitas ou colocadas no poder, pois apresentam respostas fáceis a crise. Logicamente os reais motivos da crise demoram a serem esclarecidos. Isso é feito normalmente, por acadêmicos e especialistas, e nunca há uma unanimidade de suas causas e efeitos. A população só sabe que está sofrendo e nesse momento um líder extremista se coloca quase como um messias trazendo todas as respostas. Essas são apresentadas a população de maneira simplificada porém mentirosa. Com um discurso de ódio ao outro e falando o que as pessoas querem ouvir baseado nos discursos que permeiam sua cultura política eles fazem suas carreiras progredirem. Vejam, ideias muito parecidas com doutrinas nazistas e fascistas. Bolsonaro culpou a corrupção, se colocou abertamente homofóbico, misógeno e racista, dizendo que movimentos sociais dividiam o país e por isso estávamos em crise, inclusive moral, em que a família brasileira estaria sendo destruída. Quilombolas e indígenas não trabalhavam suas terras e atrapalhavam o desenvolvimento do Brasil. O Estado estaria sustentando vagabundo, e os bandidos estavam a solta para fazer o que queriam pois o governo era tomado por ativistas de direitos

humanos. Vejam todos os problemas são facilmente resolúveis. Um governo de ordem e de amor à pátria resolve. No Brasil, acredito que a “guerra” fora/é contra os LGBTs, Quilombolas, Indígenas, feministas, grupos de direitos humanos, ambientalistas, população pobre que recebia o bolsa família. Na Europa acredito que a “guerra” foi contra os imigrantes pobres e refugiados. Gente desesperada que te emigra em condições difíceis para salvar a si e suas famílias de guerras, fomes e epidemias.

2 OS GOLPES E AS SUAS INTERFACES: DE 1964 A 2016

Anne: Uma outra evidência desse recrudescimento dos espaços de diálogo com a sociedade e do avanço com o movimento conservador se mostrou explícito nos pedidos de retorno de governo militar e de Atos como o AI5 nas manifestações de apoio ao candidato e depois presidente Bolsonaro nos últimos anos. Podemos dizer que há uma ameaça à democracia brasileira? Há semelhanças com o período pré-golpe de 1964?

Mateus:

É muito espantoso para alguém como eu que era criança e adolescente nos anos 1980 e 1990, ver os discursos pedindo a volta da ditadura no Brasil. Lembro que nesses anos na escola nós debatíamos muito política e discordávamos muito, mas a questão da democracia era um valor inabalável para mim, meus colegas de sala de aula e

amigos em geral. Era unanimidade, ao menos com as pessoas nas quais eu conversava no ambiente escolar, que a ditadura militar foi algo terrível e que os militares fizeram um grande estrago econômico e social no Brasil. Com a onda conservadora que eu mencionei anteriormente percebo uma volta dos mesmos argumentos que geraram a derrocada do regime democrático: anticomunismo, defesa da moral e bons costumes, luta contra a corrupção e defesa da família tradicional cristã. Um saudosismo do autoritarismo, considerado por muitos um governo em que havia “ordem” e não a “bagunça” que estava nos dias atuais. Percebo que para a parcela conservadora da sociedade, movimentos sociais, greves, direito das mulheres, LGBTs se casando e constituindo família, afrodescendentes ascendendo socialmente e entrando na universidade são verificações de desordem. Dessas pessoas, muitas viveram o regime de exceção e outras mais jovens, só ouviram falar. Em contraposição ao governo do PT que nasceu na redemocratização, como ser oposição? Trazendo o discurso mentiroso da ditadura como algo que desenvolveu o país. Mas voltando a pergunta de forma mais objetiva, eu considero que sempre existe ameaças a democracia no Brasil e no mundo, vide o que aconteceu no congresso americano em janeiro de 2021. A democracia não é algo pronto e acabado, e acredito que pessoas que lucraram com a ditadura e que pensam que talvez seriam beneficiadas com um regime autoritário, irão defender o fim da democracia. Um dos motivos foi a falta de uma política de memória mais efetiva, mesmo sabendo que foi feito um grande esforço era difícil

fazê-la sem se contrapor a um exército que considera que “salvou a nação do comunismo em 1964” e que hoje a população é considerada por eles ingrata. Nos dias de hoje vejo por exemplo que boa parte das polícias militares apoiam o governo Bolsonaro, ocorreram inclusive motins em alguns estados no ano passado. A polícia militar luta diuturnamente contra o “pessoal dos direitos humanos” que criticam as posturas autoritárias e abusos cometidos especialmente contra a população pobre. Vejam, esse tipo de discurso acredita que estamos numa guerra e que por isso excessos são cometidos e alguns inocentes irão morrer. Não estamos em guerra! Isso é algo que foi passado no treinamento das polícias durante a ditadura militar e ainda não mudou, a impressão que passa é que discursos como o do ex-governador do Rio de Janeiro Wilson Witzel que falava que “a polícia vai mirar na cabecinha e... fogo!” deve ser a regra para a política de segurança pública brasileira e isso fere garantias constitucionais básicas. Vocês duvidam que para acabar com as regras básicas de direitos e garantias fundamentais policiais militares não apoiariam um golpe? Eu acredito que sim. Sendo assim não sejamos ingênuos, o agronegócio apoiaria um golpe de estado se isso os beneficiassem. Então a democracia está sempre em constante ameaça. E nesses últimos anos mais ainda, pois temos um presidente que não acredita na democracia, e que nunca mudou esse discurso. Ele sempre defendeu o autoritarismo, sempre foi um apoiador incondicional da ditadura e dos ditadores militares. Fez o que pode para deslegitimar o STF e o Congresso Nacional quando esses vetavam seus absurdos,

e no fim tentou um golpe de estado no 07 de setembro de 2021, falando explicitamente em “fechar o STF”, o que felizmente não deu certo. Quando Bolsonaro se elegeu eu não pensava somente num descalabro social e econômico, o que mais me preocupava era com a democracia, pois pela votação que ele recebeu não podemos dizer que ela é um valor tão apreciado pelos brasileiros. Com relação a semelhança com 1964 ela está no discurso de ordem e antidemocrático que já mencionei: anticomunista, anticorrupção e defensor da família, da ordem moral e dos bons costumes. No ano passado por exemplo, na tentativa de golpe, Bolsonaro só teve apoio das polícias, caminhoneiros e seus grupo forte de apoiadores. Os presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado ficaram inertes. Apesar da maioria dos deputados e senadores terem se colocado contra. Em 1964 o apoio foi maciço: grande mídia quase toda apoiou, o STF apoiou, a OAB apoiou, a Igreja Católica apoiou, além do congresso nacional, e claro as forças armadas. Ou seja, o apoio era expressivamente maior do que Bolsonaro tinha nos dias de hoje. De qualquer maneira no feriado do 07 de setembro do ano passado fiquei muito assustado. Muita gente apoiando, e pensei na hipótese do exército e das polícias militares entrarem nessa aventura golpista, como aconteceu com as forças armadas em 1964 e isso prosperar com um apoio de última hora de empresários e políticos ligados as bancadas “do boi, da bíblia e da bala”. Mas como o apoio não veio da forma esperada o golpe não prosperou.

Anne: Existe ou já existiu, de fato, uma ameaça comunista no Brasil? Por que o governo atual segue essa linha de argumentação? A quem interessa tudo isso?

Mateus:

Nunca! Os comunistas no Brasil nunca formaram uma maioria no Brasil. Dois exemplos: em 1935 houve um erro de leitura da situação política brasileira por parte do grupo de prestes e por isso nem o exército nem o operariado aderiu ao movimento comunista. Todavia, isso foi utilizado para gerar um grande medo na população e serviu para Vargas implantar seu projeto golpista e ditatorial. Em 1964 existiam diversas manifestações de trabalhadores e estudantes exigindo direitos sociais extremamente comuns em países da social-democracia europeia por exemplo. Mas no Brasil, percebo que quando o povo se manifesta exigindo direitos é taxado de comunista. A teoria estapafúrdia é de que são agitadores comunistas revestidos de operários que exigem direitos mas que na verdade sua intenção verdadeira é criar o “caos” e a “desordem”, desestabilizando a sociedade para que os “comunistas” aproveitem o vácuo de poder e surjam como alternativa. O que se tinha muito nos anos 1960 eram os reformistas, que queriam implantar as reformas de base (reforma agrária, reforma urbana, reforma universitária, plano de erradicação do analfabetismo, dentre outros) que já eram realidades em vários países capitalistas. João Goulart nunca foi comunista, mas diziam que ele seria fraco e estaria cercado de comunistas (alguns servidores próximos a ele se identificavam com o comunismo) e que quando ele desse um

“golpe” os comunistas assumiriam o poder junto com ele e posteriormente o expulsariam, ou seja, teorias conspiratórias sem nenhuma veracidade. É o mesmo que é feito pelo governo atual. Utilizando esse medo que foi incutido nas pessoas sobre os regimes comunistas, Bolsonaro se contrapõe aos atuais China, Cuba, Venezuela, Coreia do Norte, como se eles fossem uma ameaça ao Brasil, como se o partido dos trabalhadores e a esquerda brasileira estivessem planejando transformar o país numa “Venezuela” ou numa “Cuba”, onde existem diversos problemas sociais, especialmente causados pelos embargos que sofrem. Vejam, não corroboro com nenhum desses regimes. Mas vejam que nos 13 anos da esquerda não chegamos nem perto disso, desenvolvemos o capitalismo conforme manda a cartilha social-democrata. Bolsonaro com a teoria do “Marxismo Cultural” (teoria da conspiração antiga e que foi retomada pelo falecido Olavo de Carvalho), colocavam que como o comunismo não venceu pelas armas e os regimes comunistas do leste europeu não foram bem sucedidos restavam aos “comunistas” conquistar pela cultura, vilipendiando a família brasileira com “liberação da maconha”, que impediria a pessoa de trabalhar pois ficaria chapado o dia inteiro, “feminismo” em que as mulheres se revoltariam contra o “chefe da família” e com os “homossexuais” que perverteriam a sociedade acabando com a família tradicional heterossexual. Essas coisas acabariam com a “ordem” no país, desestruturando-o para a futura implantação do adivinhem? Comunismo. Vejam que esse discurso junta política e costumes, pois é um método fácil de causar repulsa

numa população conservadora. Interessa ao próprio governo gerar esse medo na população, que o faça ser mantido no poder, no mínimo como um “mal menor”, pois impediria o avanço dessas pautas que gerariam o “caos” na sociedade brasileira.

Anne: Os golpes necessitam de base de apoio para prosperarem, geralmente: militares, capital e alguma parcela do povo. Analisando o Brasil de 2022, e todo o desgaste deixado pelo atual governo na imagem dos militares, as perdas econômicas para o capital em meio a tanta instabilidade, e com a fome assolando grande parte da população brasileira, o que poderia servir justamente com contra-golpe para as esquerdas defenestram esse modelo ultra-diretista, que se mostra claramente fracasso, do Poder? O senhor acredita que há essa possibilidade e, principalmente, essa compreensão por parte das esquerdas?

Mateus:

Começando pela última pergunta, acredito que sim. Acredito que as esquerdas compreenderam primeiramente que devem se unir se querem derrotar Bolsonaro, que ainda sim é um candidato forte. Hoje 11 de fevereiro quando respondo suas questões ele tem entre 22 e 30% de intenção de votos. Inclusive acredito ser importante essa união com o centro caso os partidos se disponham a aderir ao programa de governo esquerdista. Justamente todas as mazelas acima apresentadas são frutos de uma desorganização governamental completa, proposital ou não mas nunca

surpreendente. Era perfeitamente perceptível que Bolsonaro não tinha e não tem as mínimas condições cognitivas de governar um país. Se notarmos Bolsonaro e seus filhos, percebemos que somente viveram as custas do erário público para um nicho do eleitorado que apoia o seu discurso fascista. Junta toda essa incompetência ao negacionismo, tendências golpistas, e especialmente liberalismo, está feito o estrago. O liberalismo de Guedes não tem como objetivo que o povo pobre viva bem. As pessoas devem entender que não é uma preocupação de um liberal como Guedes se as pessoas vão comer ou não. O investimento e o crédito serão poucos e o Estado deve gastar sempre o mínimo. Para mim o fracasso do liberalismo estilo Guedeano, é comprovado historicamente. A distribuição de renda é necessária para o desenvolvimento inclusive do próprio capitalismo. E o investimento estatal nas pessoas (educação, saúde, assistência social, etc) leva o país a crescer não só verticalmente mas horizontalmente, aumentando o poder de compra da população. A frase do Guedes que representa melhor sua visão de mundo para mim foi aquela sobre o aumento da conta de luz, todo mundo estava reclamando e ele solta a pérola:” “não adianta ficar sentado chorando”, perfeito na sua lógica, quem tá insatisfeito com o preço da luz, levante-se, trabalhe e com mérito consiga pagar. Ou seja, totalmente desvinculado com a realidade brasileira visto que o desemprego é um problema econômico, e assim sua responsabilidade. As pessoas não pagam a contas por que não tem emprego e não, diferentemente do que deve pensar nosso ministro da economia, porque não querem. Como contraponto:

investimento pesado em políticas de erradicação da fome, políticas de crédito, e incentivos fiscais para pequenos empresários com vistas a geração de emprego; um Estado fomentador do desenvolvimento desencadeando diversas obras de infraestrutura; investimento pesado em cultura, saúde, educação e ciência, reestruturando o orçamento dessas pastas. Para mim o Estado é a solução dos problemas econômicos, historicamente o Estado salvou países capitalistas da bancarrota após anos de políticas econômicas liberais ou neoliberais.

3 LUTAS E RESISTÊNCIAS: A DEMOCRACIA EM DISPUTA

Anne: Grupos neoconservadores e neoliberais têm atuação cruzada, atuando em diversos momentos na defesa das mesmas pautas, especialmente quando o tema é educação. Por que essa preocupação?

Mateus:

A partir do momento em que o Estado garantiu o direito à educação para crianças, jovens e adultos, foi necessário debater o que efetivamente seria ensinado. Se buscarmos num período recente de nossa história, a ditadura militar apoiou um projeto educacional com forte viés nacionalista, tentando incutir na cabeça das pessoas valores pátrios pueris (hino, bandeira, formar fila na escola, disciplinas de Educação, Moral e Cívica, etc), e que em nada

mudam a realidade da nação, que vocês devem amar seu país incondicionalmente e ao invés de criticá-lo trabalhar para seu crescimento. Todo esse debate era elaborado sem a permissão de se discutir efetivamente os problemas do país. Em história, por exemplo, a disciplina era voltada para os estudos dos “Grandes Homens” e das “Grandes Narrativas” construindo mitos heroicizados de homens e mulheres brancas de elite que deveriam ser seguidos como exemplo nacional por sua devoção a pátria (Tiradentes, Duque de Caxias, Dom Pedro I, e princesa Isabel eram exemplos). Os “heróis nacionais” eram exemplos de perfeição com construções imagéticas em muito casos mentirosas. Com a redemocratização uma história crítica toma os bancos das escolas, mostrando que as elites sempre agiram em seu próprio interesse e que os protagonistas da história são as mulheres e homens do povo que vivem e viveram nesse país. Um exemplo é o fim da escravidão. Esse foi fruto da luta do povo negro contra os brancos, com diversas rebeliões e revoltas para resistir ao jugo branco, muito diferente do que era contado em que a Princesa Isabel foi a libertadora dos escravizados. Isso incomoda esses grupos ultraconservadores que tem pânico do povo entender sua história nas escolas e se tornar um reivindicador cada vez maior de seus direitos. Tudo isso para eles é “doutrinação” desconsiderando assim o trabalho científico de décadas dos historiadores brasileiros. História não é opinião, e professor não é doutrinador! Ensinaemos nossos alunos a entenderem a disciplina pelo viés científico e questionador, identificando a História como fruto de um movimento de uma população que aqui vive e mora,

quebrando mitos e heróis imaginários. Isso que nem vou entrar em questões de gênero e nem nos questionamentos sobre a teoria evolucionista que está sendo rejeitada por alguns pais de alunos.

Anne: O senhor escreve sobre como as mulheres militaram durante a ditadura militar brasileira e sobre como essas mulheres perceberam e percebem a democracia como parte constitutiva dos direitos humanos pela qual lutaram nas organizações de esquerda. Durante as eleições presidenciais passadas (2018), as mulheres tiveram uma importante participação em manifestações como o #elenão. Queria pedir para que discorresse um pouco sobre o papel das mulheres no debate público atual. Qual seria o peso desses movimentos, configurados, atualmente, especialmente pelas redes sociais, para as próximas eleições?

Mateus:

A partir da década de 1970 especialmente, os debates acadêmicos e de militância sobre diversos assuntos considerados polêmicos como: as mulheres terem direito ao seu próprio corpo, definirem metas para suas vidas que não necessariamente partiriam do que a sociedade espera (mãe, esposa, chefiada pelo marido) foram ganhando espaço na mídia. Nas últimas décadas, acredito que muito ajudado pelas mídias digitais, as mulheres se interligaram aos mais diversos movimentos nacionais e internacionais de mulheres, percebendo a opressão que sofriam e sofrem em sociedades patriarcais e que essa realidade deveria ser mudada. Penso

que as conquistas das últimas décadas (planejamento familiar, direito a uma vida sexual e afetiva sem tabus, garantia do direito de licença maternidade com certa estabilidade no emprego) foram conquistados única e exclusivamente com a força e a dedicação das próprias mulheres, especialmente as feministas, considerando aí as diversas matizes do movimento. Nesse sentido o peso de seu voto e de suas organizações contra as políticas machistas e patriarcais foram ganhando terreno. A reação a tais movimentos veio na eleição de 2018, em que o discurso da família tradicional voltou a ganhar peso. Todavia as diversas declarações de Bolsonaro especialmente antes das eleições e suas políticas contra as mulheres (por exemplo, veto do projeto que garantia a distribuição de absorventes a estudantes, pregação pela ministra Damares de abstinência como projeto para evitar a gravidez indesejada) já apresentam um grande peso no debate eleitoral atual. O melhor exemplo que posso lhe dar nesse momento é a Pesquisa PoderData realizada de 16 a 18 de janeiro. Em que Bolsonaro lidera entre os homens 41% contra 35% de Lula, e entre as mulheres o ex-presidente petista lidera com 48% contra 17% e venceria no primeiro turno. Isso para mim é gritante, e mostra que nunca podemos esperar dos homens o fim do patriarcado. O que se percebe é que o peso dos movimentos de mulheres em sua maioria feminista é imenso, e nas redes sociais eles crescem ao apresentarem debates cada vez mais intelectualizados, profundos e cotidianos que buscam alertar outras mulheres de que a repressão que sofrem no cotidiano deve acabar.

Link da pesquisa:
<https://www.poder360.com.br/poderdata/poderdata-lula-vai-a-42-e-empata-com-a-soma-dos-adversarios/>

Anne: Por fim, vamos falar sobre ativismo político no poder Judiciário. Em um de seus artigos, o senhor trabalha o modo como parte significativa do corpo jurídico brasileiro, como os Ministros do Supremo Tribunal Federal e juristas de renome aceitaram e se adaptaram às inovações legislativas ditatoriais militares, ao mesmo tempo em que mantinham um discurso de imparcialidade perante questões políticas e de fiéis aplicadores da lei. Há, ainda hoje, certa adaptação do poder judiciário às conveniências políticas?

Mateus:

Com certeza. alguns exemplos são fundamentais. Primeiro, a postura do STF durante o golpe contra Dilma Roussef. Após Dilma vetar o aumento para o judiciário, o STF procedeu com duas posturas: 1) ficou inerte, como no caso da acusação de vários deputados que declaram que votaram pressionados pelo Presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha, o que pode ser considerada causa de nulidade no processo. Nesse momento o PT entra com o pedido de anulação da votação o que é rejeitado pelo STF. 2) ativo politicamente: proibindo ilegalmente a posse de Lula como Ministro da Casa Civil, pois naquele momento ele poderia trabalhar na rearticulação do governo e impedir o golpe. Segundo: em outro momento manter Lula preso

ilegalmente durante mais de um ano, e proibi-lo de se candidatar a presidência (estava disparado em primeiro nas pesquisas), sendo que o próprio STF liberou corruptos como o Prefeito de Chapecó João Rodrigues, condenado em segundo instância por corrupção, a ser candidato a Deputado e posteriormente a prefeito de Chapecó. Vejam dois pesos e duas medidas. Os próprios advogados de Lula ficaram surpresos com a decisão pois essa não era comum nesses casos. Agora perceba, quando o STF se sentiu ameaçado com os ataques de Bolsonaro julgou a evidente suspeição de Moro. Essa já poderia ter sido julgada inclusive antes da eleição, anulando as condenações e autorizando Lula a ser candidato em 2018. Lula se provou inocente, mas o STF só o liberou pois viu suas prerrogativas serem ameaçadas, coisa que os governos democráticos nunca fizeram. O STF garantiu a vitória de Bolsonaro e é responsável por toda a crise que estamos vivendo. Terceiro: a parcialidade do ex-juiz, hoje candidato Sérgio Moro, que rasgava a constituição em suas condenações especialmente na de Lula durante a Lava Jato, saindo totalmente do papel que é de um juiz da causa, onde agia como parte interessada na condenação. Existem vários “Moros” pelo país, que não aplicam as garantias constitucionais, ou as consideram irrelevantes, especialmente contra a população negra e pobre. Mas percebam, Moro era considerado um exemplo de Juiz, pois prendia corruptos. O fato das condenações como a de Lula serem sem provas não seria um problema. Imagino que Moro deve estar se sentindo traído, visto que na época da Lava-Jato, antes de nós sabermos seu real interesse (inclusive

financeiro, como foi denunciado agora) era endeusado inclusive pelo STF que chancelava todas as suas decisões. Em geral o judiciário trabalha como corpo e julga suas questões baseadas nos seus próprios interesses. Agora como Bolsonaro traz uma retórica golpista de inclusive fechar o STF ele é inimigo.

Anne: Mesmo sabendo desse movimento de convergência dos juristas e dos detentores das forças de poder, a atuação do judiciário, muitas vezes, impede ações temerosas por parte dos outros poderes. Nesse sentido, existe um limite para a atuação do judiciário entre a não invasão da função dos demais poderes e a necessidade de garantir a ordem democrática?

Mateus:

Sim, o STF vira inimigo de Bolsonaro quando algumas de suas decisões se contrapõe a medidas visivelmente inconstitucionais propostas durante seu governo. Considero até que, ou por interesse próprio ou para o controle do executivo, o judiciário tomou várias decisões acertadas coibindo a escalada do fascismo e do negacionismo de forma mais exagerada. Isso é visível nos decretos das armas e durante a pandemia autorizando estados e municípios agirem de forma autônoma. Nesse sentido, é importante assinalar que vejo as decisões judiciais como construções discursivas, e os ministros utilizam a legislação para fundamentar o que pensam em termos sociais, culturais e

políticos. Como a Constituição garante que em conflitos de interesse a última palavra seja sempre do judiciário e ao fim do STF, eles que decidem se suas decisões invadem ou não competências de outros poderes. Pois bem, nesse sentido percebo quase uma autorização constitucional para tal invasão nas competências de outros poderes, e mesmo considerando isso extremamente prejudicial a democracia brasileira não consigo visualizar outra hipótese de ação estatal. Assim, o equilíbrio ao que é ou não invasão de poderes é construído cotidianamente, mas para mim o limite para essa ação deve ser justamente a manutenção da ordem democrática, especialmente se um dos poderes está estimulando medidas autoritárias como ocorreu no 07 de setembro passado. Percebam porém, que Bolsonaro não foi punido pelos seus atos golpistas, nesse sentido novamente o STF no meu ponto de vista deixou a desejar, como nada aconteceu com o presidente nessa semana mesmo ele voltou a ameaçar a democracia. Isso não terá um fim. O presidente não sendo punido continuará estimulando o rompimento da ordem democrática no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TORRES, Matheus Gamba. O Supremo Tribunal Federal e a ditadura militar: discursos, processos e parcialidade. In: **XXVIII Simpósio Nacional de História**, 2015, v.27, Florianópolis-SC. Lugar dos historiadores. Velhos e novos desafios.

TORRES, Matheus Gamba. **Política, discurso e ditadura** : o Supremo Tribunal Federal nos julgamentos dos recursos ordinários criminais (1964-1970). 2014. Tese de doutorado.(Doutorado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul.